

O INI



A comunidade em números – 30/09/2006

- A comunidade INI conta com **1.661** associados individuais, **15.986** investidores cadastrados, **308** clubes de investimento associados, **35** Membros Orientadores, **32** corretoras parceiras, **23** empresas fundadoras e **4** empresas associadas.

Agenda INI, Parceiros, Fundadores e Associados

- RS - 21/10 – Curso Método INI de investimento em ações – Bento Gonçalves
- MG – 25/10 – EXPO MONEY – BELO HORIZONTE
- RJ – 26/10 – ENCONTRO COM O INVESTIDOR – CIA VALE DO RIO DOCE e CPFL
- SP - 30/10 – Curso Método INI de investimento em ações – CIESP - SUL
- SP - 30/10 – ENCONTRO COM O INVESTIDOR – GRUPO PÃO DE AÇUCAR
- RJ – 07/11 – SOUZA CRUZ – Empresa Fundadora - Reunião Apimec RIO
- RJ - 08/11 – Curso Método INI de investimento em ações
- SP - 11/11 – Curso Método INI de investimento em ações - PIRACICABA
- DF – 20/11 – Curso Método INI de investimento em ações
- RJ – 24/11 – BRASKEM – Empresa Associada - Reunião Apimec Rio

NOVIDADES

- **RORAIMA – CLUBE DE INVESTIMENTOS FORMADO PARA ATUAR NO MODELO INI.**
 - É com grande satisfação que anunciamos a formação, no último dia 23/08, do **Clube de Investimentos Montte Roraima**. A idéia teve início com nosso MO Victor Hohl, que proferiu palestras e ministrou cursos em Boa Vista (RR). Sua incursão na região Norte do país ajudou-nos a formar um novo MO, o carioca radicado em Roraima, Gilberto Hissa. O clube começa com 20 pessoas e seu objetivo é seguir a metodologia e os princípios do INI, a exemplo de outros milhares de clubes de investimento nos EUA e na Europa. Parabéns para a iniciativa dos MO's e boa sorte ao Montte Roraima!

DESTAQUES DO MÊS

- **WEBCAST SUZANO – Resultados e REPLAY disponível**
 - No último dia 19 de outubro, realizou-se um webcast para apresentação de resultados do terceiro trimestre da SUZANO PAPEL E CELULOSE. A participação do público INI foi muito elogiada pelo palestrante, referindo-se ao excelente nível das perguntas e à grande participação dos ouvintes. O conteúdo da palestra pode ser acessado através do banner em nosso site.
- **ENCONTRO COM O INVESTIDOR – RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO – Participe!**
 - Nos próximos dias 26/10, no Rio de Janeiro, e 30/10, em São Paulo, o INI promoverá mais dois eventos da série ENCONTRO COM O INVESTIDOR. No RJ o encontro será com a Cia Vale do Rio Doce e com a CPFL, na bolsa do Rio. Em São Paulo o encontro será com o Grupo Pão de Açúcar no auditório da sede da empresa, no Jardim Paulista. Veja em nosso site os detalhes e participe.

Atualize seu cadastro clicando no link “Meu Perfil”. É a forma de que o INI dispõe para descobrir como prestar-lhe mais e melhores informações. Contamos com vocês!

Entendendo o Mercado de Ações



TEMA DESTA EDIÇÃO: CÂMBIO – INFLUÊNCIAS NOS RESULTADOS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS

O tema CÂMBIO gera dúvidas freqüentes nos cursos do INI. A questão é que, como nos últimos anos essa variável mostrou-se muito volátil, houve impacto significativo nos balanços de empresas brasileiras, deixando os resultados das companhias muito melhor (ou muito pior) do que seriam, caso o câmbio se comportasse de forma suave. O presente artigo vai tentar mostrar, de forma simplificada, como o câmbio influencia os resultados das companhias brasileiras. Leve-se em consideração que o objetivo NÃO é tratar o tema com rigor contábil, mas mostrar as variações mais relevantes nos balanços das companhias abertas, por conta da volatilidade do câmbio.

Tomemos como base o quadro abaixo:

	31/12/2001	31/12/2002	31/12/2003	31/12/2004	31/12/2005
Cotação US\$ x R\$	2,3204	3,5333	2,8892	2,6544	2,3407
Varição		52,27%	-18,23%	-8,13%	-11,82%

Impactos na receita

Há empresas que são eminentemente exportadoras, portanto suas receitas estão muito atreladas ao valor do dólar. É simples, utilizando o quadro das cotações, vemos que, a venda de 1 bilhão de dólares, em 2001, correspondia a R\$ 2,32 bi, enquanto que em 2002 significava R\$ 3,53 bi. Um acréscimo de mais de 50%, exclusivamente pela variação do câmbio. Em compensação, os mesmos US\$ 1 bilhão, que em 2002 significariam R\$ 3,53 bi, em 2005, 3 anos depois, representariam R\$ 2,34bi, uma queda de 51%. Vale ressaltar que os valores servem somente para efeito de comparação, pois os contratos de venda variam com o dólar do dia.

Impactos nos custos e nas despesas

O outro lado dessa moeda, são as empresas que dependem de insumos importados, ou seja, cuja estrutura de custos e despesas está muito atrelada ao dólar. Aquelas que têm que comprar matéria prima importada ou atrelada ao dólar, como as petroquímicas, vêem seu custo aumentar com o aumento da moeda americana, muitas vezes sem conseguir repassar o preço ao consumidor doméstico.

Impactos relacionados com a dívida da empresa

Essa área é mais delicada. Em princípio, não é claro para quem não tem formação em contabilidade qual a relação entre a variação do câmbio e o resultado das companhias, por alterações no passivo.

Vamos lembrar um exemplo simples, que ocorreu com muitos brasileiros no início do ano de 1999, quando da desvalorização do câmbio.

Muitos brasileiros tinham dívida atrelada ao dólar, como o leasing para compra de automóveis, por exemplo. De um momento para o outro, o valor dessa dívida subiu assustadoramente, pela desvalorização cambial. O impacto mais sentido, foi o aumento do valor das prestações que fez com que muitos desistissem do bem adquirido, ou tentassem renegociar a dívida. Para as empresas esse impacto se dá de forma diferente, não é o serviço imediato da dívida que dá o maior impacto. Vejamos:

O ajuste dos balanços é que dá o maior impacto e não o serviço da dívida, pois que este, nem sempre, é pago nos próximos meses.

Tome, por hipótese a empresa abaixo:

Balanco Patrimonial	
Ativo circulante 3 bi	Passivo circulante 2 bi
Ativo realizável a LP 1 bi	Exigível a LP 1 bi
Imobilizado 1 bi	Patrimônio Líquido 2 bi

O balanço está equilibrado, o ATIVO (lado esquerdo) é igual à soma do PASSIVO TOTAL + PATRIMÔNIO LÍQUIDO (lado direito). Quando há uma grande desvalorização cambial, a empresa que tem dívida em dólar, deve ajustar o valor da mesma em reais. A variação de 2001 para 2002 ficou em torno de 50%. suponha que a empresa acima tenha toda a sua dívida de curto prazo (passivo circulante) em dólar e o passivo exigível no longo prazo, por hipótese, em R\$. A correção integral da dívida fará com que o passivo circulante aumente de 2 bi para 3 bi (50% maior). Considerando que, no caso, não haja impacto significativo no lado do ativo, para que novamente esse balanço se equilibre, teríamos:

Balanco Patrimonial	
Ativo circulante 3 bi	Passivo circulante 3 bi
Ativo realizável a LP 1 bi	Exigível a LP 1 bi
Imobilizado 1 bi	Patrimônio líquido 1 bi

Considerando somente os dados expostos, a variação cambial que aumentou o lado do passivo em 1 bi, vai acabar por reduzir o patrimônio líquido nos mesmos 1 bi, normalmente a título de **perda por variação cambial**. Essa variação reduz o resultado da empresa, às vezes leva até ao prejuízo, pois os lucros operacionais podem não ser suficientes para cobrir essa variação na dívida. Ressaltamos, novamente, que a operação foi simplificada para facilitar o entendimento. Na prática contábil, essa operação é bem complexa.

É claro que, na prática, as empresas podem ser, ao mesmo tempo, exportadoras e importadoras, além de ter dívida em dólar. Vejamos o quadro abaixo, para resumir os impactos do câmbio:

TENDÊNCIA	Real valorizado (dólar baixo)			Real desvalorizado (dólar alto)		
	Exportadores	Importadores	Endiv. dólar	Exportadores	Importadores	Endiv. dólar
Receita	Queda	-	-	Aumento	-	-
Despesas/Custos operacionais	-	Queda	-	-	Aumento	-
Endividamento Total	-	-	Queda	-	-	Aumento
Lucro Operacional	Queda	Aumento	Aumento	Aumento	Queda	Queda

Uma empresa que é ao mesmo tempo, exportadora e tem dívida em dólar está, de certa maneira, protegida da variação cambial (no que se denomina *Hedge*), pois se o dólar subir sua receita sobe, mas sua dívida também. Caso contrário, quando o dólar cai, sua receita cai, mas sua dívida é ajustada para baixo, aumentando a conta de LUCRO pela redução do montante do passivo (variação positiva do patrimônio líquido).

Simule as outras possibilidades, para entender como as empresas se protegem (ou não) da variação cambial.



A Metodologia INI para Investimento em Ações

TEMA DESTA EDIÇÃO: Os efeitos do uso dos princípios do INI, de investimento regular e reinvestimento dos dividendos, nos últimos 10 anos para quatro empresas brasileiras.

O presente artigo vai ilustrar a importância de se utilizar os princípios do INI, no sentido de formação de patrimônio no longo prazo. Simulou-se o investimento regular de R\$ 100,00 por mês, entre janeiro de 1996 e dezembro de 2005 para as seguintes empresas: PETROBRAS (PETR4), a GERDAU (GGBR4), o ITAÚ (ITAU4) e a COMPANHIA VALE DO RIO DOCE (VALE5).

Os dados de cotação e de dividendos e juros sobre capital próprio foram ajustados de acordo com os eventos que alteraram a base acionária da companhia, ao longo destes 10 anos.

Vale lembrar que essa análise NÃO é equivalente à comparação entre 2 momentos no tempo, para comparar rentabilidade. A técnica utilizada é para ilustrar crescimento de patrimônio e não de rentabilidade. Vale ressaltar, também, que foram desconsiderados os custos de transação e aceitou-se compras fracionárias de ações.

1º princípio: Investir regularmente.

Hipótese: Comprar R\$ 100,00 de ações das companhias destacadas acima, de janeiro de 1996 até dezembro de 2005, totalizando 120 meses (10 anos). O valor de compra da ação foi assumido como sendo o da cotação média do mês em questão.

Resultados:

Investimento total: R\$ 12.000,00

Resultados (sem reinvestimento)	PETR4	VALE5	ITAU4	GGBR4
QTD de ações em dez/2005	2.168	2.703	1.600	10.281
Patrimônio acumulado dez/2005	R\$ 76.529	R\$ 111.718	R\$ 88.874	R\$ 246.766
Rentabilidade total	538%	831%	641%	1956%
Rentabilidade anual	20,36%	25,00%	22,17%	35,30%

Em qualquer dos casos, do ponto de vista da formação de patrimônio, o desempenho é notável. Convém ressaltar que, para se atingir os valores acima, as taxas anuais de crescimento oscilaram entre 20 e 25% (exceto GGBR4), o que são valores bastante razoáveis, e possíveis de observar, para um país que teve, nessa fase, taxas de juros de mais de 40%.

A observação dos resultados e a verificação de que as taxas equivalentes anuais apresentaram valores bem razoáveis, serve para mostrar que a formação de patrimônio depende muito de disciplina e regularidade. Buscar taxas espetaculares de 40, 50 ou 100% ao ano pode servir a interesses imediatos, mas 20% a 25% ao ano já são taxas que, aliadas à regularidade do investimento e à disciplina do poupador, serviriam perfeitamente ao objetivo de acumular patrimônio no longo prazo.

2º princípio: Reinvestir todos os ganhos (JSCP e dividendos).

Hipótese: Os resultados obtidos acima não levaram em conta o reinvestimento dos ganhos com as ações. A seguir mostra-se o que aconteceria com o patrimônio, caso houvesse reinvestimento dos dividendos e dos juros sobre capital próprio.

Resultados:

Investimento total: R\$ 12.000,00

Resultados (com reinvestimento)	PETR4	VALE5	ITAU4	GGBR4
QTD de ações em dez/2005	3.031	4.182	2.103	17.160
Patrimônio acumulado dez/2005	R\$ 106.995	R\$ 172.817	R\$ 116.822	R\$ 411.914
Rentabilidade total	792%	1340%	874%	3333%
Rentabilidade anual	24,46%	30,57%	25,56%	42,42%

Comparando o patrimônio obtido com reinvestimento e sem reinvestimento, temos:

Resultados	PETR4	VALE5	ITAU4	GGBR4
Patrimônio sem reinvestimento	R\$ 76.529	R\$ 111.718	R\$ 88.874	R\$ 246.766
Patrimônio com reinvestimento	R\$ 106.995	R\$ 172.817	R\$ 116.822	R\$ 411.914
Acréscimo de rentabilidade TOTAL	40%	55%	31%	67%
Acréscimo de rentabilidade ANUAL	3,41%	4,46%	2,77%	5,26%

Essa questão do reinvestimento dos dividendos lembra aquela história de respeitar até as moedinhas. Quando se está começando a investir em ações, normalmente o volume de dividendos é pequeno, mas não deve ser deixado de lado, como se vê acima.

Esperamos que os exemplos descritos acima deixem claro que para a formação de patrimônio, a disciplina e a regularidade desempenham papel de destaque, além do terceiro princípio que é “Investir em Empresas de Crescimento”, pois as companhias utilizadas para exemplo apresentaram crescimento notável nos anos em análise.

Associe-se ao INI

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIDORES

www.ini.org.br

Agora é possível tomar-se associado INI e ter acesso às publicações, informações sobre as companhias abertas, descontos, orientadores e mais por apenas: **R\$ 75,00/ano***

Mais informações em www.ini.org.br

*Condição para cotista de clube de investimento de corretora parceira. Acrescentar o frete.



GERAÇÃO FUNDO DE INVESTIMENTO EM AÇÕES

Data de início: 18/06/1997
Patrimônio Líquido em 20/10/2006:
R\$ 119.482.701,23
Rentabilidade acumulada desde o início: 898,86%
Rentabilidade acumulada de outubro: 6,06%

Aplicação Inicial: R\$ 50.000,00
Demais Movimentações: R\$ 5.000,00

Taxa de Adm: 3% a.a paga mensalmente
Taxa de Performance: 20% sobre resultado superior ao Ibovespa paga mensalmente

Público alvo: Investidores em geral

GERAÇÃO FUTURO PROGRAMADO FUNDO DE INVESTIMENTO EM AÇÕES

Data de início: 10/05/2006
Patrimônio Líquido em 20/10/2006: R\$ 22.129.399,75
Rentabilidade acumulada de outubro: 4,87%

Aplicação Inicial: R\$ 100,00
Demais Movimentações: R\$ 100,00

Taxa de Adm: 4% a.a paga mensalmente
Taxa de Performance: Não há

Público alvo: Investidores em geral

- * A rentabilidade apresentada refere-se ao dia 20/10/2006
- * A rentabilidade obtida no passado não apresenta garantia de resultados futuros
- * Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador ou por qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, pelo fundo garantidor de crédito.

Este material está sendo republicado por determinação da CVM de modo a atender a instrução CVM nº 409/04.



<http://www.gerafuturo.com.br>

Espaço da Comunidade



3º ENCONTRO BRASILEIRO DE CLUBES DE INVESTIMENTO – EXPOMONEY SP.

No último dia 30 de setembro, o Instituto Nacional de Investidores coordenou, junto com os organizadores da Expo Money, o terceiro encontro de clubes de investimento. O objetivo foi estimular o encontro e a troca de experiências entre os integrantes de clubes de investimentos, bem como para os interessados em conhecer e montar um clube.

Presentes ao evento estavam os representantes dos clubes homenageados, o Sr. Luiz Eduardo Martins Ferreira, Superintendente de Supervisão de Mercado da BOVESPA e o Sr. Antonio Vodopides, Analista e Gestor de Clube de Investimento.

Dos temas tratados ficou evidente que a questão do comprometimento dos representantes, em manter o clube ativo, é fundamental para o sucesso e a longevidade do grupo. As histórias contadas pelos representantes presentes, Sysley (Clube Campeões de Sucesso), Maria Aparecida (Clube Ouro Líquido, CESP) e Victor Hohl (Clube Pioneiro de Brasília) ilustraram bem os caminhos para se criar e manter um clube de investimentos ativo e bem sucedido. Perseveraram e, hoje, há até fila de espera para entrar em alguns dos clubes.

Tratou-se, também, da questão delicada das barreiras de entrada para montagem de clubes pequenos (pequeno patrimônio). Os representantes colocaram que foi difícil achar um administrador disposto a abrir o clube com poucos participantes e pouco dinheiro, mas foram unânimes em dizer que, quando conseguiram encontrar o apoio foi total. Hoje, os administradores são grandes parceiros dos cotistas.

A grande lição que se pôde tirar do encontro, é que o Clube pode ser um ambiente favorável ao aprendizado e à disciplina do investimento de longo prazo. E, principalmente, que a perseverança necessária nos primeiros meses, sempre os mais difíceis, é recompensada quando o grupo se engaja no objetivo de fazer o clube crescer. Rumo ao milhão!

DECISÕES ECONÔMICAS VISTAS DE UM PONTO DE VISTA PSÍQUICO

Por Vera Rita de Mello Ferreira, Psicanalista, coach e consultora na área psico-econômica; representante no Brasil da IAREP (International Association for Research in Economic Psychology); professora de Psicanálise e Psicologia Econômica na COGEAE da PUC-SP; autora do livro O Componente Emocional – funcionamento mental e ilusão à luz das transformações econômicas no Brasil desde 1985, artigos e trabalhos internacionais.

Podemos afirmar que nossa existência é marcada pela busca por satisfação ou, se preferirmos, por evitar o sofrimento representado pela frustração de nossas necessidades e desejos. Alcançar este objetivo implica escolhas de caminhos. Disciplinas como Psicanálise, Psicologia Econômica, Economia Psicológica ou Comportamental, Finanças Comportamentais e a jovem Neuroeconomia convergem ao investigar como tomamos nossas decisões, sendo que as últimas concentram-se nas decisões econômicas.

Nossa descrição de tomada de decisões valeria para qualquer âmbito, incluindo-se comprar, poupar, trabalhar, investir, endividar-se, apostar, ou seja, a administração do dinheiro em geral. As etapas mentais que culminam numa escolha teriam sempre o mesmo objetivo final – afastar-se do desconforto representado pela insatisfação, buscando o prazer da gratificação.

Contudo, temos dois modos distintos de atingir esta meta: o primeiro, mais primitivo, tanto em termos da espécie humana, como do ponto de vista do desenvolvimento do indivíduo, fundamenta-se nos circuitos emocionais e neurológicos que visam nossa sobrevivência, caracterizando-se por avaliações globais e rapidez, ainda que se perca em precisão, em virtude da grande pressão por uma resolução imediata do problema que incomoda – afinal, trata-se de sobreviver. Nesta difícil tarefa e, instada pela sensação de urgência, a mente procurará, no mínimo, livrar-se da tensão provocada pela ausência de satisfação – mesmo que, com isso, não esteja, de fato, resolvendo a questão. Ilusões, devaneios, criação de realidades “paralelas” nas quais tudo funciona como gostaríamos, manobras diversionistas para não enxergar o que incomoda, podem ser os recursos acionados, devido às nossas limitações cognitivas e emocionais, mesmo que sejam pouco racionais ou realistas.

Diante de um grande número de informações, que não podem ser adequadamente processadas, tenta-se “cortar caminho”, adotando as chamadas regras de bolso, ou heurísticas (a palavra vem do grego “heureka”, que significa descobrir, inventar), para avaliar situações complexas, sob risco de incorrer em erros sistemáticos, como por exemplo: ser influenciado mais pela maneira como os dados são apresentados, do que por seu conteúdo; julgar o futuro com base no passado, desprezando informações relevantes sobre o presente; considerar mais as últimas experiências, eliminando outras evidências. Se tomarmos o mercado de investimentos, não é difícil supor a grande quantidade de incorreções que poderiam resultar destes atalhos mentais.

Do ponto de vista emocional, que possui peso ainda maior sobre o nosso funcionamento intelectual, uma vez que nossos pensamentos encontram-se mergulhados em raízes emocionais e, portanto, são extremamente influenciados pelas emoções, temos outra importante fonte de desvios de percepção, que podem prejudicar o retorno das escolhas feitas. Confiança excessiva nos próprios julgamentos, aversão a perdas, o que leva a correr ainda mais riscos, que seriam, normalmente, evitados (por exemplo, preferir não vender ações que estão desvalorizando-se, com a esperança de que possam voltar a subir), hábitos que se opõem ao bom-senso e, ainda assim, são mantidos, em suma, manifestações da grande vulnerabilidade às ilusões que nos acompanha ao longo de toda a vida, pois desejamos tanto manter as frustrações à distância, que preferimos acreditar no que nos agrada – e não, no que está, de fato, ocorrendo.

De outro lado, temos a segunda modalidade de decisões, associada à racionalidade. Este processo é mais lento e complexo, vai por etapas, da percepção, atenção, registro na memória e comparação com a situação presente para fazer uma avaliação dos dados da realidade no momento em que é necessário escolher uma alternativa, até chegar à possibilidade de surgirem novos ângulos e horizontes para alcançar-se o objetivo desejado, que inclui a eliminação da frustração e tem maiores chances de propiciar ações efetivas de transformação da realidade. A chave fundamental, aqui, é a tolerância àqueles sentimentos desagradáveis que, inevitavelmente, acompanham a sensação de falta, pois é apenas na ausência da satisfação que nossa mente encontra as condições propícias ao aparecimento do pensar. E, para decidir de forma criteriosa e com chance de alcançar o que se deseja realmente, é fundamental conhecer com rigor o que nos é apresentado e pensar com isenção sobre as opções de que dispomos, para poder decidir pela mais favorável delas.

Disclaimer

O Instituto Nacional de Investidores não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas idéias aqui expressadas, nem pela exatidão e/ou veracidade dos dados aqui colocados, sendo todas estas opiniões e/ou informações de responsabilidade única e exclusiva de seus autores.